



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Mídia, *true crime* e a romantização da psicopatia: uma revisão integrativa

Camila Bernardi Rabelo

Maria Fernanda Lopes Gomes

Orientadora: Dra. Ariana Fidelis Alves Santana

Goiânia, maio de 2026



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

Camila Bernardi Rabelo

Maria Fernanda Lopes Gomes

Mídia, *true crime* e a romantização da psicopatia: uma revisão integrativa

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Dra. Arianne Fidelis Alves Santana

Goiânia, 2026

Pró-Reitoria de Graduação – PROGRAD

Curso de Psicologia

Eixo: Integração e Prática

Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II

Professor(a): Dra. Ariana Fidelis

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO**

No dia 11 de Junho de 2026 às 20 horas, o (a)(s) estudante(s) **Camila Bernardi Rabelo e Maria Fernanda Lopes Gomes**, do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, o trabalho intitulado **Mídia, True Crime e a Romantização da Psicopatia: Uma Revisão Integrativa** para a Banca de Avaliação composta pelos (as) docentes: **Dra. Luciene Falcão (membro interno); Dra. Eliane Pelles (membro externo)**.

O trabalho da Banca de Avaliação foi conduzido pelo (a) docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu 20 minutos ao (a) estudante (a) para que este (a) expusesse o trabalho. Após a exposição, o (a) docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem o (a) estudante. Após o encerramento das arguições, a Banca de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do (a) estudante na exposição, considerada a trajetória deste (a) no desenvolvimento do TCC. Como resultado da avaliação, a Banca de Avaliação deliberou pela:

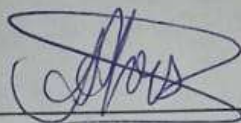
☒ **Aprovação;**

() Aprovação, condicionado às correções recomendadas pelos membros da banca;

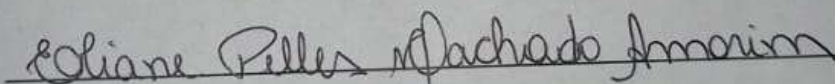
() Reprovação.

Aprovação, condicionada às correções recomendadas pelos membros da banca:

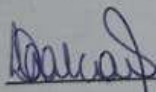
A Banca de Avaliação conclui que o(a) estudante está APROVADO(A) condicionado às correções de forma e/ou conteúdo recomendados. As correções deverão ser indicadas no formulário de Avaliação Final de Trabalho de Conclusão de Curso. O(A) estudante terá o prazo de _____ dias para os ajustes e entrega da versão final ao professor (a) orientador (a), contado a partir da data da sessão de apresentação pública do TCC.



Professor(a) Orientador (a) - Presidente



Professor(a) Convidado (a) – Avaliador (a)



Professor(a) Convidado (a) – Avaliador (a)

Resumo

A ascensão do gênero *true crime* na indústria do entretenimento contemporâneo tem despertado um crescente fascínio público, que frequentemente resulta na espetacularização e distorção de construtos clínicos. Esse estudo teve como objetivo investigar as relações entre as evidências científicas e as representações midiáticas da psicopatia no gênero *true crime*, identificando como essa interação atua na construção social do fenômeno e favorece mecanismos de romantização. Realizou-se uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados SciELO, PePSIC, PubMed e Portal dos periódicos da CAPES, selecionando 12 artigos publicados entre 2022 e 2025 que atendessem aos critérios do protocolo PRISMA. Os resultados revelaram um descompasso significativo entre a realidade clínica e o imaginário social alimentado pela mídia. Enquanto as evidências neurobiológicas e psicopatológicas demonstram que a psicopatia é um constructo multidimensional, caracterizado por déficits específicos no processamento emocional (empatia afetiva reduzida) e com manifestações funcionais na população geral, as narrativas de entretenimento tendem a glamourizar o transtorno, associando-o erroneamente à genialidade, sofisticação intelectual ou à violência homicida compulsória. Adicionalmente, identificou-se que a espetacularização midiática atua de maneira articulada com ideologias de controle social, convertendo problemas estruturais de violência em patologias individuais. Conclui-se que o consumo massificado de *true crime* deforma a percepção pública do transtorno e gera processos de dessensibilização moral, evidenciando a necessidade de análises críticas que preservem o rigor ético-clínico e combatem a estigmatização social.

Palavras chave: psicopatia, *true crime*, mídia, romantização, representação midiática.

Abstract

The rise of the true crime genre in the contemporary entertainment industry has sparked growing public fascination, often resulting in the spectacularization and distortion of clinical constructs. This study aimed to investigate the relations between scientific evidence and media representations of psychopathy within the true crime genre, identifying how this interaction shapes the social construction of the phenomenon and fosters romanticizing mechanisms. An integrative literature review was conducted across SciELO, PePSIC, PubMed, and the CAPES Journals Portal databases, selecting 12 articles published between 2022 and 2025 that met the PRISMA protocol guidelines. The findings revealed a significant mismatch between clinical reality and the social imagination fueled by the media. While neurobiological and psychopathological evidence demonstrated that psychopathy is a multidimensional construct characterized by specific deficits in the emotional processing (reduced affective empathy) and functional manifestations in the general population, entertainment narratives tend to glamorize the disorder, wrongfully associating it with genius, intellectual sophistication, or compulsory homicidal violence. Additionally, it was identified that media spectacularization operates in conjunction with social control ideologies, converting structural issues of violence into individual pathologies. It is concluded that mass consumption of true crime deforms public perception of the disorder and generates moral desensitization processes, highlighting the necessity for critical analyses that preserve ethical-clinical rigor and combat social stigmatization.

Keywords: psychopathy, true crime, media, romanticization, media representation.

Sumário

1.	Introdução.....	6
2.	Metodologia.....	9
3.	Resultados e Discussão.....	20
4.	Considerações Finais.....	31
5.	Referências.....	35

Mídia, *true crime* e a romantização da psicopatia: uma revisão integrativa

Nas últimas décadas, criminosos violentos deixaram de ocupar apenas um espaço político e jurídico para se tornarem figuras recorrentes no entretenimento da contemporaneidade. A partir desse movimento, as produções de *true crime* (crime real) passaram a transformar trajetórias criminais em produções consumidas de forma ampla pela mídia, despertando no público medo, curiosidade e fascínio. É possível perceber uma consolidação do gênero *true crime* em um cenário global impulsionado pela popularidade de plataformas de *streaming* que fazem uso de narrativas ficcionais interessantes para prender a atenção do público (Brum, 2023).

As premissas da Criminologia Cultural, abordagem que analisa o crime e as formas de controle como fenômenos culturalmente produzidos, ditam que o crime e as reações sociais a ele são carregados de significados compartilhados de forma ativa pela mídia transformando a transgressão em espetáculo de consumo coletivo, o que se conecta amplamente a atualidade considerando a forma como o entretenimento trata as produções relacionadas a crimes (Ferrell, Hayward & Young, 2008).

Embora as representações sobre a compreensão científica da psicopatia se distanciem de produções feitas pela mídia, que são difundidas de forma ampla no campo cultural, nas áreas da psicologia e da psiquiatria, a psicopatia é normalmente associada, mesmo que não oficialmente, ao Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) descrito no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, sendo caracterizada por um padrão de manipulação, impulsividade, ausência de remorso e desrespeito aos direitos alheios. Hare (2013) amplia tal entendimento, explicando a psicopatia como uma perturbação da personalidade clinicamente distinta de outros desvios sociais, caracterizando-se por incapacidade neurobiológica de processar afetos, experimentar remorso e sentir empatia genuína, alguns dos fatores que diferenciam o psicopata crônico de um criminoso comum (American Psychiatric Association [APA], 2022).

Ainda que exista a percepção de uma associação frequente entre a psicopatia e crimes violentos, a literatura informa que tais traços podem ser encontrados em diferentes contextos sociais e de relações. Desviando do pensamento comum de que estes indivíduos habitam somente as margens da sociedade ou em isolamento, a ciência demonstra a existência do psicopata de sucesso ou integrado socialmente, um sujeito munido de boa adaptação social.

Esses sujeitos utilizam uma máscara de normalidade e sedução para habitar livremente ambientes corporativos e afetivos realizando o uso utilitário do seu próximo (Hare, 2013).

No contexto atual se torna essencial uma desmistificação conceitual que traga evidência do predomínio de traços psicopáticos no cotidiano, despertando um olhar menos caricato do transtorno. Na perspectiva da análise da psicopatia na vida cotidiana, pode-se apontar que dinâmicas sutis de perversão e de manipulação se encontram presentes em interações diárias, regularmente toleradas ou camufladas pelas exigências individuais da sociedade moderna (Silva et al., 2022; Pimentel, 2010).

A compreensão social da psicopatia é amplamente atravessada pelas representações produzidas pelos meios de comunicação. A população leiga constrói um entendimento a respeito do transtorno que dificilmente decorre dos manuais diagnósticos, mas sim de uma absorção de discursos simbólicos difundidos pela indústria cultural. Ao serem discutidas as relações entre a mídia e a psicologia, é esclarecido que os meios de comunicação em massa e o ambiente da internet moderna têm um papel ativo em modelar a subjetividade humana, ditando tanto modos de pensar quanto induzindo a identificações emocionais (Moreira, 2010).

Especificamente para a psicopatia, essa influência contribui para uma simplificação do discurso científico, nesse sentido percebe-se como a mídia promove essa banalização da ciência, apropriando-se de termos técnicos da neurociência e da psiquiatria reduzindo a figura do sujeito criminal e a complexidade do comportamento a apenas um cérebro psicopático espetacularizado. Assim a representação midiática atua como produtora de significados sociais, o que colabora para uma percepção pública distorcida, que afasta o espectador da realidade clínica (Ferrell, Hayward & Young, 2008; Zambenedetti, 2012).

Na contemporaneidade, a exposição midiática de criminosos violentos vem contribuindo para processos de fascínio e romantização dessas figuras. Por meio de estéticas audiovisuais e do uso de técnicas de suspense literárias e cinematográficas, produções de entretenimento transformam indivíduos perversos em figuras carismáticas e inteligentes, ao investigar a chegada dessas estruturas narrativas é perceptível que esse espetáculo visual contínuo cria implicações psicológicas no público espectador (Brum, 2023).

Ao averiguar o uso da imagem pela mídia, é evidente que a saturação de representações estéticas do crime e do horror geram um efeito de dessensibilização e de anestesia moral, fragilizando assim os limites da repulsa ética. Uma consequência trazida pela glamourização é

a emergência de distorções de caráter ético e social, pode ser afirmado que a romantização da figura do criminoso atua como uma grave violação dos direitos das vítimas, promovendo revitimização e inviabilizando o sofrimento real em prol da humanização fascinante do agressor (Barroso, 2006; Costa, Souza & Santos, 2023).

Em vista desse cenário, torna-se relevante compreender como a literatura científica discute a influência da mídia na construção social da psicopatia, considerando que o aumento nas comunidades de fãs e a romantização de comportamentos predatórios presentes nas redes sociais mostra que o consumo de *true crime* transcende o entretenimento passivo, trazendo impactos psicossociais e éticos que implicam em uma necessidade de uma análise profunda. Investigar esse fenômeno é considerado um dever ético de proteção à dignidade das vítimas de crimes violentos, combatendo a anestesia moral provocada pela indústria de entretenimento criminal (Costa, Souza & Santos, 2023).

Por esse motivo, esse estudo se justifica pela necessidade de compreender como a literatura científica tem abordado a influência da mídia e da cultura do *true crime* na construção social da romantização de psicopatas. Portanto, o estudo tem como objetivo demonstrar as relações entre as evidências científicas e representações midiáticas da psicopatia no gênero *true crime*, identificando como essa interação auxilia na construção social do fenômeno, na influência de percepções sobre a violência e criminalidade e favorece os mecanismos de romantização, estereotipização e simplificação desse construto. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão integrativa da literatura atual, procurando sistematizar o conhecimento científico adquirido para trazer um panorama crítico sobre o tema.

Metodologia

Esse estudo se trata de uma revisão integrativa da literatura de caráter descritivo exploratório, com abordagem qualitativa, cujo objetivo foi demonstrar as relações entre as evidências científicas e representações midiáticas da psicopatia no gênero *true crime*, identificando como essa interação auxilia na construção social do fenômeno, na influência de percepções sobre a violência e criminalidade e favorece os mecanismos de romantização e estereotipização e simplificação desse construto. A revisão foi conduzida seguindo as seis etapas clássicas da revisão integrativa: formulação da pergunta, busca na literatura, definição de critérios de inclusão e exclusão, coleta de dados, análise crítica dos estudos e apresentação de resultados (Souza, Silva e Carvalho, 2010).

A busca foi realizada nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), PubMed (National Center for Biotechnology Information), Portal de Periódicos da CAPES e outros portais. Utilizaram os seguintes descritores, conforme a DeCS: ("media narratives" OR "media portrayal" OR "psychopathy media representation" OR "psicopatia e mídia" OR "representação da psicopatia na mídia" OR "mídia e romantização do psicopata") AND ("psicopatia" OR "romantização da psicopatia" OR "psicopatia e crime" OR "true crime perception study" OR "fascination with true crime") estruturados em forma de grupos de palavras para melhor resultado em cada pesquisa.

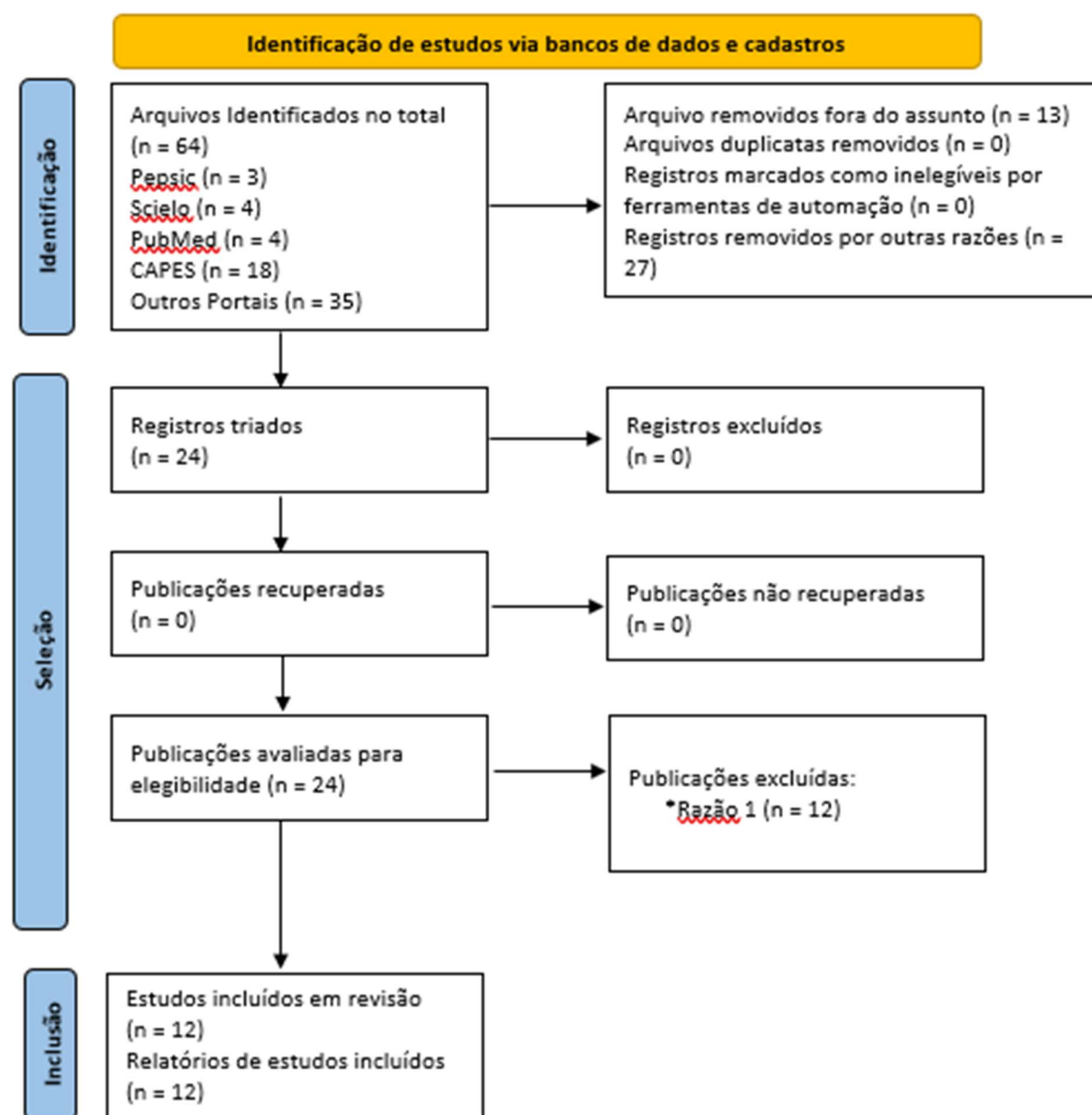
A pergunta norteadora do estudo está baseada no modelo PICO, um acrônimo que significa População, Fenômeno de Interesse e População (Lockwood, Munn, & Porritt, 2015). Considerando a estratégia, nesse trabalho é identificado o “P” como os indivíduos consumidores de produção midiáticas, o “I” constituiu na construção social da romantização da psicopatia e o “Co” foi delimitado como a cultura *true crime* é vinculada por meio do cinema, das redes sociais e da televisão. Assim, a pergunta norteadora foi estabelecida: Como a literatura científica tem abordado as contradições e correlações entre as evidências psicopatológicas e as representações midiáticas do *true crime* na construção social da romantização da psicopatia?

A seleção dos artigos foi estabelecida, através do protocolo PRISMA, um guia que explica o processo da coleta de informações, obtendo transparência e permitindo que os leitores

avaliem com precisão a metodologia aplicada (Page et al., 2020). Desse modo, os seguintes critérios de inclusão: estudos publicados entre 2022 e 2025, nos idiomas português ou inglês que abordassem a temática proposta, artigos na íntegra e revisados por pares. Os artigos selecionados entre os anos de 2022 e 2025 foram adotados a partir da ausência de artigos anteriores a esse recorte pela problemática do trabalho ser um fenômeno atual. Foram excluídas dissertações, artigos de opinião, editoriais e resenhas, estudos duplicados em diferentes bases de dados e todos os tipos de revisão sistemática e integrativa.

A coleta foi realizada entre agosto e setembro de 2025 e fevereiro e março de 2026, em diferentes bases de dados, exigindo uma precisão na extração das informações. Assim foi utilizado um instrumento padronizado e previamente elaborado, com o objetivo de garantir o rigor da coleta de dados e minimizar o risco de erros e vieses de transcrição.

Figura 01 – Fluxograma PRISMA



- * Não disponíveis na íntegra

Inicialmente foram identificados 64 artigos relacionados ao tema para a avaliação. Após a leitura inicial dos resumos, 24 estudos foram selecionados para leitura na íntegra. Destes, 12 artigos atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos e compuseram a amostra final da revisão, conforme apresentado no fluxograma metodológico.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos relacionados à romantização, a mídia e ao *true crime*, publicados em bases científicas confiáveis e disponíveis integralmente para avaliação. Foram excluídos artigos não relacionados ao tema, estudos incompletos,

Para organização e investigação dos dados, foi utilizado o instrumento para fichamento proposto por Ursi e Galvão (2006), instrumento de organização de dados, com adaptações específicas para este estudo, contemplando informações como autor, ano de publicação, país de origem, tipo de pesquisa, variáveis além de principais resultados e conclusão. Como ferramenta de apoio, utilizou-se uma plataforma baseada em inteligência artificial, o NotebookLM, voltada para a organização e análise de documentos. A ferramenta foi empregada para o auxílio de comparação e consulta das informações dos artigos selecionados do fichamento, contribuindo para maior sistematização do processo analítico.

Tabela 1

Ano	Autores	Título	Tipo de Pesquisa	País de Origem	Variáveis	Resultados e Conclusão
2022	Lino et al.	Psicopatia e crime: são todos homicidas psicopatas?	Quantitativa	Brasil	Incidência de psicopatia e qualificadores de homicídio	A pesquisa indicou que 15,6% da amostra foi diagnosticada como psicopata, revelando que a pontuação no PCL-R está diretamente ligada ao número de qualificadores do crime e que psicopatas moderados apresentam maiores taxas de reincidência. Conclui-se que, embora o PCL-R seja uma ferramenta eficaz para correlacionar traços e comportamentos, é fundamental compreender que nem todo homicida é psicopata, apesar de perfis específicos apresentarem maior risco de retorno ao crime.
2023	Ruchensky et al.	Triarchic psychopathy and affective picture processing: an event-related potential study	Quantitativa	Estados Unidos	Traços triárquicos e resposta eletrocortical a imagens	Os resultados demonstraram que o traço de maldade (meanness) correlaciona-se com a redução do Potencial de Lado Positivo (LPP) diante de imagens tanto agradáveis quanto desagradáveis, além de uma menor excitação subjetiva. Dessa forma, conclui-se que a maldade está vinculada a um déficit biológico no processamento emocional de estímulos visuais, manifestando-se por uma resposta fisiológica e subjetiva atenuada.

Ano	Autores	Título	Tipo de Pesquisa	País de Origem	Variáveis	Resultados e Conclusão
2025	Lima-Costa et al.	Cluster analysis of Primary and Secondary Psychopathy in the General Population	Quantitativa	Brasil	Psicopatia primária/secundária e personalidade HEXACO	A pesquisa identificou quatro grupos distintos, destacando que o fator Honestidade-Humildade diferencia melhor os subtipos e que a psicopatia secundária está fortemente ligada à ansiedade. Conclui-se que os subtipos exigem abordagens clínicas diferentes, ressaltando que psicopatas secundários podem ser mais tratáveis devido ao menor déficit afetivo em comparação aos primários.
2022	Moreira et al.	Psicopatia, desmistificando estigmas	Quali-Quanti	Brasil	Conhecimento popular sobre psicopatia; estigmas associados (violência e serial killers); fontes de informação utilizadas pelo público	Apenas 10% do público associa psicopatia exclusivamente a serial killers, e a maioria (84%) entende que nem todo psicopata é criminoso. Conclui-se que, apesar de o público começar a separar a psicopatia de crimes brutais, mitos sobre gênero e emoções ainda persistem devido à forte influência das narrativas compartilhadas em redes sociais.

Ano	Autores	Título	Tipo de Pesquisa	País de Origem	Variáveis	Resultados e Conclusão
2025	Parry e Phan	The Impact of Media Narratives on Public Perception of Psychopathy: An Analysis of Accuracy and Misrepresentation	Quantitativa	Estados Unidos	Consumo de Mídia (True Crime) e acurácia do conhecimento sobre traços psicopáticos	O estudo identificou uma acurácia clínica de apenas 44,4%, com percepções corretas estatisticamente similares ao acaso ($p=0.618$), indicando que o consumo de mídia não altera o conhecimento real sobre o tema. Conclui-se que, embora o público demonstre resiliência a erros mediáticos, ele não consegue absorver fatos clínicos reais através desse tipo de entretenimento.
2025	Perchtold-Stefan et al.	Out of the dark – Psychological perspectives on people's fascination with true crime	Quantitativa	Áustria	Motivos de consumo, curiosidade mórbida, personalidade	Constatou-se que as mulheres consomem mais conteúdos de true crime, movidas por vigilância defensiva e busca por excitação, tendo o antagonismo como único preditor de personalidade. A conclusão é que esse consumo funciona como uma ferramenta de preparação contra perigos reais e não possui ligação com má saúde mental ou falta de regulação emocional nas espectadoras.

Ano	Autores	Título	Tipo de Pesquisa	País de Origem	Variáveis	Resultados e Conclusão
2022	Souza et al.	Hannibal Lecter: o glamour de um psicopata pelas lentes do cinema	Qualitativa	Brasil	Romantização do transtorno de personalidade antissocial (TPA)	Observou-se que a indústria audiovisual utiliza estética e inteligência para glamourizar vilões, o que acaba gerando uma torcida e uma empatia perigosa por parte do público. A conclusão é que essa distorção de patologias para fins comerciais cria imaginários sociais irreais que acabam por normalizar a agressividade e o comportamento antissocial.
2022	Greiwe e Khoshnood	Do we mistake fiction for fact? investigating whether the consumption of fiction crime-related media may help to explain the criminal profiling illusion	Quantitativa	Suécia	Atitudes/aceitação do perfilamento criminal (CP) e consumo de mídia	Os dados indicam que séries policiais aumentam a aceitação pública do perfilamento criminal, embora a educação formal seja um preditor negativo para essa crença. Conclui-se que existe uma ilusão do perfilamento alimentada pela mídia, levando o público a confundir ficção com fatos técnicos, o que distorce a percepção sobre a eficácia e o funcionamento do sistema de justiça.

Ano	Autores	Título	Tipo de Pesquisa	País de Origem	Variáveis	Resultados e Conclusão
2023	Arfeli e Gradella	Psicopatia como Ideologia: Um Instrumento de Manutenção da Sociedade Capitalista	Qualitativa	Brasil	Romantização do transtorno de personalidade antissocial (TPA)	Observou-se que a indústria audiovisual utiliza estética e inteligência para glamourizar vilões, o que acaba gerando uma torcida e uma empatia perigosa por parte do público. A conclusão é que essa distorção de patologias para fins comerciais cria imaginários sociais irreais que acabam por normalizar a agressividade e o comportamento antissocial.
2023	Arfeli e Martin	A psicopatia e o criminoso nato: a modernização do positivismo criminológico	Qualitativa	Brasil	Natureza criminal, determinação biológica, seletividade penal	Os resultados mostram similaridades entre o conceito moderno (focado em amoralidade e causas cerebrais) e as teorias clássicas aplicadas aos marginalizados. Conclui-se que o conceito contemporâneo de psicopatia moderniza as ideias de Lombroso para legitimar o racismo estrutural, o encarceramento em massa e a violência estatal através da ciência.

Ano	Autores	Título	Tipo de Pesquisa	País de Origem	Variáveis	Resultados e Conclusão
2024	Schramm e Sartorius	The attraction of evil. Women's romantic parasocial relationships with bad guys in series and movies	Quantitativa	Alemanha	Relacionamento parassocial romântico (RPSR), personalidade, envolvimento imaginativo	Verificou-se que estilos de amor como ludus e a busca por sensações predizem a relação com vilões, enquanto as relações parasociais ligam-se ao senso de poder do indivíduo. A conclusão é que a atração por dominância masculina se transfere para a mídia, oferecendo ao espectador um espaço seguro para testar limites
2025	Athar	Exploring the multidimensional nature of the psychopathy construct in social media context: Insights from Instagram	Quantitativa	Irã	Dimensões da psicopatia (Grandiose-manipulativa, Insensibilidade, Impulsividade); cyberbullying; trolling; catfishing; crimes de computador; sadfishing; adicção ao Instagram; métricas de atividade; sucesso na carreira online	As dimensões da psicopatia (Grandiosidade, Insensibilidade e Impulsividade) apresentaram associações únicas, com traços de impulsividade-irresponsabilidade predizendo a adicção e crimes cibernéticos. A conclusão é que a psicopatia deve ser avaliada de forma multidimensional no contexto digital, pois cada faceta do constructo motivava comportamentos e abusos distintos no ambiente online.

No que tange à natureza das pesquisas, observa-se que os estudos analisados entre 2022 e 2025 investigam um campo recente, interdisciplinar e de abrangência global, incluindo países da América do Sul (Brasil), América do Norte (Estados Unidos), Europa (Alemanha, Áustria e Suécia) e Ásia (Irã). Desse modo, os estudos dialogam ao retratar variados enfoques sobre a psicopatia em contextos socioculturais, midiáticos e forenses, que contribuem na exploração do papel da mídia na construção do imaginário dos indivíduos, resultando na romantização dos psicopatas.

Observa-se o predomínio de abordagens quantitativa (n=8), qualitativa (n=3) e quali-quantitativa, alcançando diversidade metodológica na compreensão do fenômeno. Quanto aos participantes se concentram na faixa etária adulta, com idades variando de 18 a 60 anos, havendo maior representatividade em jovens adultos. A análise dos artigos foi realizada de forma individualizada garantindo que especificidades metodológicas e resultados de cada artigo fossem analisados.

Resultados e Discussão

Com o objetivo de demonstrar as relações entre as evidências científicas e as representações midiáticas da psicopatia no gênero *true crime*, identificando como essa interação auxilia na construção social do fenômeno, na influência de percepções sobre a violência e criminalidade e favorece os mecanismos de romantização, estereotipização e simplificação desse construto. Os estudos que compõem o corpus foram organizados em 3 categorias, a primeira trata-se da caracterização clínica, neurológica e emocional da clínica; em segunda se refere a influência da mídia e conteúdos *true crime* na compreensão social do transtorno; e a terceira contempla os impactos sociais e culturais no imaginário coletivo.

Primeiramente, serão apresentados os estudos que delimitam tecnicamente a psicopatia a partir de sua caracterização neurológica e psicopatológica, a fim de evidenciar sua natureza emocional. Para iniciar essa discussão, introduz-se o primeiro artigo intitulado *Psicopatia e crime: são todos homicidas psicopatas?*, escrito por Lino *et. al.* (2022), que utiliza a abordagem quantitativa e descritiva, a relação entre psicopatia e crimes letais. O estudo evidencia o baixo predomínio do transtorno na população geral em contraste com a alta visibilidade temática em mídias sensacionalistas.

A pesquisa de Lino *et. al.* (2022), cruza dados estatísticos e clínicos de prontuários em amostra de 45 detentos condenados por homicídio em uma penitenciária masculina na Paraíba, utilizando o critério do inventário de Psicopatia de Hare (PCL-R) (Morana, 2004) para mensurar traços afetivos, interpessoais e de estilo de vida. A introdução destaca o descompasso entre o imaginário social, frequentemente alimentado pela mídia, que associa automaticamente crimes bárbaros à psicopatia e a realidade diagnóstica clínica.

Em discussão, Lino *et al.* (2022) observam que, embora a impulsividade e comportamento antissocial sejam comuns na amostra, o déficit afetivo característico da psicopatia é exceção e não regra. Apenas 15,6% dos participantes apresentaram pontuação compatível com o diagnóstico, evidenciando que a maioria dos homicidas não podem ser explicados pela estrutura de personalidade psicopática, mas sim, sendo influenciadas por fatores contextuais, ambientais ou outras condições psicopatológicas. Assim, os autores chamam atenção para a necessidade de maior rigor técnico para o diagnóstico, evitando rotulagem indiscriminada que ignora outras patologias mentais.

A necessidade de um diagnóstico diferencial, a fim de evitar rotulação indiscriminada que ignore outras psicopatologias mentais, também é enfatizado no estudo de Robert Hare (2013). O autor aponta baixa incidência de psicopatia entre os indivíduos condenados por crimes violentos e significativamente menor do que se supõe. Com isso, ele destaca que nem todo homicida apresenta a organização psíquica psicopática e que a relação entre criminalidade e transtornos da personalidade produz interpretações simplificadas sobre a criminalidade e o transtorno. Essa tendência no meio jurídico, além de revelar uma fragilidade conceitual, demanda discussões aprofundadas e revisadas.

Ainda corroborando à perspectiva do artigo apresentado por Lino *et al.* (2022), Campos *et al.* (2023) investiga como os indivíduos com traços psicopáticos podem apresentar padrões específicos de empatia. Segundo os autores, esse fenômeno deve ser compreendido a partir de duas diferentes dimensões: a cognitiva e a afetiva. Nesse contexto, Campos *et al.* (2023) aponta que a empatia cognitiva é preservada nos psicopatas, permitindo que o indivíduo reconheça intelectualmente as emoções alheias e interprete comportamentos sociais. Em contrapartida, a empatia afetiva, relacionada à resposta emocional diante do sofrimento do outro, tende a apresentar prejuízo significativo nesses indivíduos. Desse modo, favorece comportamentos marcados por distanciamento emocional e sensibilidade reduzida ao sofrimento alheio (Campos *et al.*, 2023).

Uma vez identificadas essas particularidades emocionais, emerge a necessidade de compreender se tais diferenças no funcionamento empático também encontram correspondência em mecanismos neurobiológicos mensuráveis. É nesse contexto, em que a continuidade às contribuições de Lino *et al.* (2023), Ruchensky, *et al.* (2023) problematizam a associação reducionista entre psicopatia e violência ao investigarem o transtorno para além da prática criminosa, no artigo denominado Triarchic psychopathy and affective picture processing: an event-related potential study.

No estudo conduzido por Ruchensky, *et al.* (2023), foram investigados os déficits de processamento emocional a partir do modelo triárquico da psicopatia (audácia, maldade e desinibição) utilizando Potenciais Relacionados a Eventos (ERP) (Hajcak et al., 2010), técnica eletrofisiológica capaz de registrar respostas cerebrais evocadas diante de estímulos específicos. Para isso, 123 participantes foram submetidos à observação de imagens positivas, neutras e aversivas enquanto realizavam eletroencefalograma (EEG), sendo utilizada a

amplitude *Late Positive Potencial* (LPP) (Hajcak et al., 2010), um componente do ERP que avalia o direcionamento do foco atencional e a intensidade do processamento emocional tardio.

Os achados da pesquisa de Ruchensky, *et. al.* (2023), demonstraram uma redução significativa na amplitude da onda LPP para imagens desagradáveis em sujeitos com alta pontuação em maldade, indicando menor direcionamento atencional e intensidade no processamento de estímulo aversivo. Ao concluir que o déficit emocional é real, orgânico e mensurável, o estudo desmascara a romantização midiática que de forma frequente atribui a essas figuras uma profundidade emocional incompreendida ou genialidade movida a paixões intensas.

Desse modo, os resultados de Ruchensky, *et. al.* (2023) dialogam com investigações mais amplas acerca do desenvolvimento emocional e do funcionamento cerebral associado à psicopatia, a exemplo de Viding e McCrory (2018). Segundo os autores, o déficit da empatia afetiva nos indivíduos psicopatas apresenta manifestações neurocognitivas desde a infância Viding e McCrory (2018), enquanto Kiehl & Hoffman (2011) comprovaram, através de exames de ressonância magnética funcional, uma atividade neural reduzida dos psicopatas nas regiões paralímbicas do cérebro relacionadas com o processamento emocional e ao julgamento moral.

Entretanto, reconhecer os marcadores neurobiológicos não significa assumir um determinismo biológico uma vez que as manifestações dos comportamentos antissociais são influenciados pelos fatores ambientais, sociais e familiares, além das predisposições neuropsicológicas. Além de realçar que biomarcadores relacionados à agressividade ou redução do processamento emocional, não são exclusivos de psicopatas, podendo manifestar-se, por exemplo, em adolescentes envolvidos em comportamentos delinquentes temporários (Raine *et. al.*, 2024).

Nessa direção, tais indicadores neurobiológicos funcionam menos como determinantes absolutos da violência e mais como fatores de vulnerabilidade que depende de trajetórias de desenvolvimento, suporte social e experiências ambientais, assim, permite deslocar a psicopatia de uma interpretação rígida para uma compreensão complexa. Em diálogo com essa questão, Lima-Costa *et al.* (2025) investigaram manifestações da psicopatia na população geral, no artigo *Cluster analysis of Primary and Secondary Psychopathy in the General Population*, presente nesta revisão.

O estudo contou com uma amostra ampla composta por 116 participantes de idade entre 18 a 69 anos e utilizou o Inventário de Levenson (LSRP) (Levenson *et al.*, 1995), que avalia as dimensões de afetividade/interpessoal e comportamental, com o modelo HEXACO-100

(Ashton & Lee, 2007), que mensura Honestidade-Humildade, Emocionalidade, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura à Experiência. Através da abordagem quantitativa transversal com análise de *Cluster*, em que os autores identificaram perfis distintos de organização psicopáticos, que são baixo, alto, primário e secundário, assim evidencia que não são necessariamente próprios de indivíduos envolvidos com a criminalidade (Lima-Costa *et al.*, 2025).

Os resultados obtidos demonstram que os baixos níveis de Honestidade-Humildade representam o principal marcador no perfil do psicopata em sociedade, enquanto os subtipos identificados se diferem na regulação emocional: a primária apresenta baixa ansiedade e a segunda manifesta alta sensibilidade ao estresse. Consequentemente, o estudo sugere que indivíduos com traços psicopáticos elevados podem permanecer funcionalmente inseridos na sociedade, ocupando espaços sociais sem necessariamente apresentar histórico criminal (Lima-Costa *et al.*, 2025).

Partindo da discussão apresentada por Lima-Costa *et al.* (2025) sobre a tríade de traços psicopáticos, um estudo recente de Gómez-Leal *et al.* (2024) demonstra atualização do modelo de características associados a padrões interpessoais aversivos. O aprofundamento apresentou o modelo de tétrade sombria, composto por psicopatia, maquiavelismo, narcisismo e sadismo, que não restringe a indivíduos associados à criminalidade. Desse modo, a psicopatia passa a ser compreendida como um construto multifatorial que pode se manifestar em diferentes intensidades e contextos do cotidiano.

Se a psicopatia não se restringe ao crime e pode manifestar-se de formas diferentes na sociedade, é importante compreender de que maneira as concepções sociais e morais influenciam a construção de diagnóstico e o tratamento direcionado aos psicopatas. Nesse contexto, Moreira *et al.* (2022) no artigo Psicopatia: desmistificando estigmas, investiga os preconceitos no diagnóstico clínico e as barreiras ao tratamento psicológico, por meio de uma abordagem quali-quantitativa baseada em um questionário semiestruturado com 22 perguntas aplicado em 50 participantes.

Os achados da pesquisa indicaram que parte expressiva dos respondentes reconhece que nem todo psicopata seja criminoso, permanecem estereótipos de perversidade inata, ausência de emoção e impossibilidade de tratamento. Além de evidenciar o receio de profissional da saúde diante esse público e a recorrente percepção do psicopata como sujeito intratável. Assim, a persistência desse imaginário demonstra que as representações sociais

inferem na compreensão do transtorno, produzindo obstáculos ao cuidado psicológico e interpretações menos moralizantes sobre essa condição (Moreira *et al.*, 2022).

Por fim, essa permanência do estigma aproxima-se da crítica de Foucault (2014) acerca dos processos de normalização social e a construção do sujeito perigoso. Ao discutir mecanismos institucionais de classificação e vigilância, o autor demonstra como os diagnósticos psiquiátricos operam como dispositivo de controle social, contribuindo para que determinados indivíduos sejam socialmente percebidos como permanentemente perigosos. Nessa perspectiva, a psicopatia ultrapassa o âmbito diagnóstico clínico e passa a influenciar a maneira de como os indivíduos são percebidos e julgados socialmente.

Se, por um lado, a literatura clínica indica que a psicopatia não pode ser reduzida à violência ou homicídio, por outro, é necessário compreender como o imaginário coletivo mantém associações simplificadas sobre o transtorno. Nesse cenário, a mídia e os conteúdos do gênero *true crime* atuam na circulação de representações sobre criminosos, privilegiando o espetáculo e ignorando a precisão diagnóstica. É a partir dessa problemática que os artigos discutidos a seguir aprofundam como as narrativas midiáticas contribuem para a construção social e cultural da psicopatia (Parry e Phan, 2025).

Dando seguimento à interferência da mídia na percepção pública sobre o psicopata, o tema central do artigo *The Impact of Media Narratives on Public Perception of Psychopathy: An Analysis of Accuracy and Misrepresentation*, escrito por Parry e Phan (2025), analisa como o entretenimento moderno cria uma ilusão de perfilamento criminal na qual o público acredita entender a mente do criminoso, mas ignora os critérios diagnósticos reais (DSM-5-TR, 2022), partindo da análise de séries como *Mindhunter* e *Dahmer*, que reforçam representações estereotipadas, auxiliando no imaginário coletivo baseado na dramatização do crime.

Para isso, Parry e Phan (2025) a partir de uma abordagem quantitativa exploratória (*survey*) com 36 participantes voluntários, realizando uma relação do tempo de exposição ao conteúdo *true crime* com medidas de reconhecimento e rigor sobre características associadas à psicopatia. Os resultados concluíram que o consumo constante desses conteúdos relaciona-se às representações estereotipadas e romantizadas do transtorno, favorecendo interpretações sociais que indicam os psicopatas como gênio do mal ou sujeitos intelectualmente superiores. Por consequência, o público tende a confundir os elementos dramatizados, como charme superficial, com os critérios diagnósticos.

Entretanto, é necessário uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno, a partir do momento que as pessoas se sentem atraídas por narrativas que envolvem conteúdos de

violência e comportamentos extremos. Nesse sentido, Coltan Scrivner (2024) explica o interesse pela curiosidade mórbida como uma ferramenta de proteção, treinando o cérebro para perigos reais. O conhecimento de repertório de criminosos fortalece sinais cognitivos de alerta e reduz as inseguranças no convívio social, capacitando o indivíduo a diferenciar ameaças reais e elementos inofensivos.

Em consonância, o consumo de narrativas criminais deixaria de ser entendido como entretenimento mórbido e passa a assumir a função de vigilância defensiva, evitando situações de vulnerabilidade, como investigada no artigo *Out of the dark: Psychological perspectives on people's fascination with true crime*, escrito por Perchtold-Stefan *et al.* (2025). A produção foca nas motivações que levam as pessoas a consumirem conteúdos *true crime*, por meio de um estudo quantitativo-experimental conduzido em 571 adultos, compostos predominantemente por mulheres.

É destacado o crescimento explosivo de podcasts e séries do gênero bem como a predominância do público feminino nesse nicho. Utilizando a Análise de Componentes Principais (PCA) e modelos de regressão múltipla, o estudo aplicou ferramentas psicométricas como a Morbid Curiosity Scale (Scrivner, 2021) e o Dark Triad (Jones; Paulhus, 2014). Debate-se que o consumo feminino do gênero não é motivado por sadismo, mas sim pelo identificar sinais precoces de agressões, motivadas pela vigilância defensiva onde espectadoras aprendem estratégias de sobrevivência ao observar o comportamento de predadores (Perchtold-Stefan *et al.*, 2025).

Todavia, embora o consumo possa indicar funções adaptativas sobre segurança, a mídia reorganiza a figura do psicopata ao associá-lo a uma estética de fascínio. É nesse ponto que o artigo *Hannibal Lecter: o glamour de um psicopata*, de Souza *et. al.* (2022), investiga a representação estética do psicopata no cinema clássico, destacando o fascínio do público geral por vilões descritos como cultos e inteligentes, como se observa no personagem Hannibal Lecter, por meio de uma análise de conteúdo fílmico e semiótica, sob uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e bibliográfico.

Os autores discutem a discrepância entre o psicopata cinematográfico genial e o psicopata real impulsivo, evidenciando o uso de música clássica, artes plásticas e culinária requintada como ferramentas de glamourização da violência. Essa romantização do vilão gênio mascara a impulsividade e a desorganização frequentemente encontradas em perfis clínicos reais. Desse modo, os resultados sugeriram que a estética mostrada na produção audiovisual favorece vínculos afetivos e identificação entre o consumidor e a personagem, além do horror

ser apresentado de forma atrativa e emocional, favorecendo a romantização e glamourização do psicopata (Souza *et. al.*, 2022).

Para além de glamourizar o criminoso, a ficção também contribui para a distorção da percepção social acerca de interpretá-lo e identificá-lo. Nessa linha de raciocínio, Greiwe e Khoshnood (2022) discutem sobre esse fenômeno no artigo *Do we mistake fiction for fact? investigating whether the consumption of fiction crime-related media may help to explain the criminal profiling illusion*, que estuda como as séries policiais influenciam a confiança do público em métodos de investigação (ilusão do perfilamento), onde pessoas acreditam que psicólogos forenses possuem poderes sobrenaturais para ler mentes.

De acordo com os autores, o consumo de ficção criminal (como *CSI* e *Mindhunter*) induz o público a adotar mensagens incorretas sobre a utilidade e precisão do profissional, destacando também a diferença entre a ciência real e a narrativa televisiva. Tendo como base a Teoria do Cultivo (Gerbner *et al.*, 2002), a qual pressupõe que a exposição contínua satura o imaginário do espectador fazendo-o adotar o sistema televisivo como régua para o mundo real, a pesquisa adotou metodologia quantitativa com 460 adultos consumidores de mídia de narrativas criminais, avaliando hábitos de consumo e crenças na eficácia do perfilamento criminal (Greiwe e Khoshnood, 2022).

Os resultados encontrados na pesquisa de Greiwe e Khoshnood (2022), evidenciam que os consumidores frequentes de ficção criminal apresentam níveis mais altos de crença na infalibilidade dos perfis de psicopatas, concluindo que o entretenimento molda a percepção de justiça de forma perigosa e irrealista. Com isso, o entretenimento influencia as expectativas sobre justiça e segurança e consolida uma visão simplificada sobre o perfil dos psicopatas, que por muitas vezes são equivocadas dentro do processo real de investigação para a identificação do comportamento do criminoso.

Além da construção das percepções distorcidas sobre a psicopatia e a romantização que a mídia, torna a discutir sobre os impactos sociais e culturais decorrentes do imaginário coletivo. Introduzindo a terceira categoria deste estudo, o artigo de Arfeli e Gardella (2023) com o título *Psicopatia como Ideologia: Um Instrumento de Manutenção da Sociedade Capitalista*, analisa a função política e social do diagnóstico de psicopatia na contemporaneidade, criticando a psiquiatria tradicional e trazendo a ideia de que a ciência não é isenta de valores políticos e da patologização do desvio social.

Fundamentado no materialismo histórico-dialético e na Psicologia Crítica, a pesquisa de Arfeli e Gradella (2023) se classifica como teórica e bibliográfica de cunho exploratório. O

texto promove o confronto entre as visões biológicas e determinantes sociais, afirmando que a categoria da psicopatia atende conveniências do Estado ao rotular um inimigo interno. Os resultados demonstram a correlação entre o aumento do diagnóstico e a necessidade de controle social em períodos de crises econômicas e tensão de classes.

Por fim, os autores sustentam que a categoria psicopata converge com os interesses institucionais ao transformar indivíduos em inimigos sociais. Assim, evidencia que o aumento de diagnóstico do transtorno tem relação com os mecanismos de controle social. Nesse sentido, o diagnóstico de psicopatia passa a ser um rótulo que converte os problemas estruturais da violência na sociedade para problemas particulares de cada indivíduo. Então, conclui-se que o transtorno se transformou em um recurso ideológico que disfarça a desigualdade social sob uma natureza clínica (Arfeli e Gardella, 2023).

Em diálogo com a crítica de diagnósticos como controle social de Arfeli e Gardella (2023), a crítica de Foucault (2014) sobre diagnósticos psiquiátricos como mecanismo de regulação social e controle de indivíduos marginalizados é compreendida a partir do momento que deixa de priorizar a classificação clínica e passa a ser um instrumento de dominação política. Consolidando a categoria de indivíduo perigoso, essa lógica converte o rigor clínico para recursos técnicos de intervenção institucional, reforçando o processo de exclusão e legitimando as práticas do controle dos indivíduos classificados socialmente perigosos.

Dando continuidade a essa linha argumentativa, o diagnóstico pode ser compreendido como mecanismo de manutenção de ordens sociais, possibilitando a discussão sobre as origens históricas da classificação dos indivíduos a partir do controle político. No artigo *A psicopatia e o criminoso nato: a modernização do positivismo criminológico*, Arfeli e Martin (2023) realizam uma revisão crítica sobre a persistência do pensamento positivista na criminologia moderna, destacando a busca por marcas físicas ou biológicas que identifiquem a figura do monstro. O estudo fundamenta-se em uma revisão narrativa de literatura de cunho bibliográfico e análise étnico-clínica.

Os autores discutem no texto como o discurso científico é utilizado para validar o medo social, transformando traços cerebrais em sentenças definitivas de irrecuperabilidade. O fenômeno exerce influência direta no determinismo biológico que passa a nortear sentenças judiciais e coberturas jornalísticas de crimes hediondos. Na arena jurídica e midiática é reduzida a exames de imagem e diagnósticos estáticos, criando um clamor público por punições segregatórias o que coage o sistema de justiça a realizar decisões baseadas na neutralização definitiva do réu sob um pretexto científico (Arfeli e Martin, 2023).

Os resultados encontrados na produção de Arfeli e Martin (2023) demonstram a reciclagem de termos do século XIX na linguagem midiática atual, mantendo similaridades entre sintomas e etiologia que estigmatizam grupos marginalizados. Em conclusão, o conceito de psicopatia é a roupagem atual para o antigo estigma de maldade por natureza, o que moderniza as teses de Lombroso (1884/2010) para legitimar o racismo estrutural, a seletividade penal, o encarceramento em massa e a violência de estado.

O questionamento de Arfeli e Martin (2023) sobre as concepções deterministas sobre a criminalidade ganha uma extensão cultural na obra de Schmid (2005) ao apontar como os mecanismos de comunicação de massa comercializam o espetáculo da violência. Por consequência, a psicopatia é apresentada como fabricação mítica da mídia para mercantilizar o medo social, tornando-a em algo extraordinário e reciclado das idéias próximas ao pensamento de Lombroso (1884/2010). Para Schmid (2005), essa monstruosidade cumpre a função política de definir fronteiras sociais, legitimando, assim, a exclusão do sujeito na integridade da sociedade.

Ao mesmo tempo em que a mídia constrói a imagem do psicopata como extraordinário e atrativo, ela também pode ressignificar as formas de representações do fascínio, a partir da humanização e atração afetiva. Tal visão é analisada no artigo *The attraction of evil. Women's romantic parasocial relationships with bad guys in series and movies* de Schramm e Sartorius (2024), que investiga envolvimento romântico imaginário de mulheres com vilões de ficção através da teoria da comunicação em massa e da psicologia midiática.

A metodologia utilizada no estudo de Schramm e Sartorius (2024) como a humanização do vilão no roteiro permite que o público feminino desenvolva as chamadas Relações Parassociais Românticas (PRRs) (Tukachinsky, 2010), destacado pelo fascínio por personagens como *Joe Goldberg* (da série *You*) ou por psicopatas adaptados para telas sob o conceito de Atração pelo Mal. Realizado via questionário *online* com 193 mulheres, o estudo utilizou escalas de *Retrospective Imaginative Involvement* (Envolvimento Imaginativo Retrospectivo, RII) (Slater et al, 2018) e de Relações Parassociais Românticas (Liebers, 2021) mensurando nível de engajamento afetivo das espectadoras.

Os autores evidenciam que a identificação e similaridade com os personagens relacionados à psicopatia são os principais fatores do desejo romântico, auxiliando interpretações nas quais características como a manipulação e falta de empatia são confundidas com os sinais de charme misterioso e sedutor alimentado pela crença que podem ser salvos. Desse modo, a mídia contribuiu para a romantização dessas figuras, que desloca a narrativa

central de seus comportamentos agressivos para uma trama de compreensão de subjetividade e histórias traumáticas, oferecendo ao público uma experiência simbólica de limites emocionais e fantasias amorosas (Schramm e Sartorius, 2024).

No mesmo eixo de análise sobre a construção midiática do criminoso se tornando consumo cultural, Schmid (2005) explica a percepção de como a mídia transforma a figura de criminosos em consumo cultural e favorece a romantização de personagens ligados à psicopatia. Esse processo acontece quando o entretenimento eleva o vilão a celebridade por expor a sua subjetividade e transforma-o em ícone de destaque midiático. Assim, a narrativa muda o foco da violência para uma atração estética e sofrimento emocional do personagem.

Essa tendência de humanizar e romantizar as características psicopáticas ganha novos contornos tecnológicos na contemporaneidade, de tal modo que Athar (2025) identifica no artigo *Exploring the multidimensional nature of the psychopathy construct in social media context: Insights from Instagram*, a análise do comportamento de indivíduos com traços psicopáticos na era digital. Argumenta-se que a plataforma favorece a faceta Grandioso-Manipuladora através da busca por atenção e validação social.

Logo a pesquisa de abordagem quantitativa e análise de perfis digitais envolveu 490 universitários iranianos, mapeando os sujeitos a partir da versão resumida do *Youth Psychopathic Traits Inventory* (YPI-S) (Baardewijk *et al.*, 2010), instrumento consagrado na avaliação de traços psicopáticos, associado a uma vasta bateria de ferramentas psicométricas internacionais. Entre elas, se destacam o *Cyber-Bullying and Cyber-Victimization Experiences Questionnaire* (CBVEQ) (Antoniadou *et al.*, 2016) e a *Instagram Psychopathy and Cyberbehavior Scale* (IPCS) (Smoker; March, 2027), destinadas à mensuração da agressão e do comportamento virtual na plataforma do Instagram (Athar, 2025).

Aprofundando na discussão, o autor argumenta como a dimensão da insensibilidade afetiva facilita os abusos digitais e manipulação de seguidores para ganho social. No ambiente virtual, a ausência de pistas virtuais e de feedback emocional imediato proveniente das vítimas atua como catalisador para comportamento predatório. Tal distanciamento mediado por telas reduz os efeitos inibitórios do indivíduo, o que o permite orquestrar campanhas de difamação sem demonstrar remorso, transformando interação comum em jogo de poder (Athar, 2025).

Os resultados de Athar (2025) mostram que grandiosidade e impulsividade são preditores significativos para o vício em Instagram e comportamentos de risco *online*. Por fim, descobre-se que a psicopatia moderna se manifesta de forma sutil, mas destrutiva, através do narcisismo digital e do controle da imagem pública, por isso, deve ser avaliada como

multidimensional em redes sociais, presumido que cada faceta da personalidade motiva comportamentos distintos.

Aprofundando na dinâmica de Athar (2025), relacionada à manipulação de traços psicopáticos em ambientes virtuais, as asserções de Gómez-Leal *et al.* (2024) auxiliam em compreender como essas características se expressam em contextos digitais contemporâneos. Desse modo, a busca de validação algorítmica e o controle da imagem pública encontram apoio no estudo mediante a facilitação e sofisticação da manipulação interpessoal em ambiente virtual, normatizando comportamentos antissociais pela lógica do engajamento e da monetização da atenção.

Em síntese, os estudos discutidos mostraram a psicopatia como um construto multifatorial que consiste em fatores clínicos, neurobiológicos, emocionais e socioculturais, cuja compreensão não pode ser reduzida às representações exploradas pelo entretenimento. Enquanto a literatura científica evidencia a complexidade do transtorno, a intensidade dos traços psicopáticos e a ausência da conexão da psicopatia com a criminalidade, os conteúdos midiáticos reforçam estereótipos pautados na genialidade e carisma do sujeito. Além disso, os resultados sugerem que a romantização dessas figuras não apenas distorcem a visão pública sobre a psicopatia, mas alimentam processos de estigmatização e controle social.

Considerações Finais

Com o objetivo de investigar as relações entre as evidências científicas e representações midiáticas da psicopatia no gênero *true crime*, identificando como essa interação auxilia na construção social do fenômeno, na influência de percepções sobre a violência e criminalidade e favorece os mecanismos de romantização e estereotipização e simplificação desse construto, assim, esse estudo alcançou as metas pretendidas, evidenciando que o apelo comercial do gênero *true crime* altera o conceito técnico e consolida impressões equivocadas na sociedade.

Quanto à primeira categoria: caracterização clínica, neurobiológica e emocional da clínica. O estudo demonstrou que a psicopatia se fundamenta em particularidades neurológicas, identificadas por respostas cerebrais com menor ativação em áreas ligadas ao afeto. Contudo, desfez-se o mito de que autores de crimes graves são sempre psicopatas, comprovando o contrário, os sujeitos não são diagnosticados e quem apresenta os traços pode viver de forma funcional na sociedade. A linha divisória parte da empatia cognitiva e emocional, mostrando que o psicopata reconhece logicamente as emoções alheias, mas sem estabelecer uma conexão afetiva.

No que tange a segunda categoria: influência da mídia e conteúdos *true crimes* na compreensão social do transtorno. Constatou-se que as produções de gênero *true crime* romantizam o transtorno ao descrevê-lo com atributos de sofisticação e intelecto superior, gerando admiração. Embora a maioria da audiência seja do público feminino, com intuito de mapear perigos e aprender estratégias de sobrevivência, o consumo acaba, por consequência, gerando uma falsa crença sobre como decifrar quem é ou não psicopata, como evidenciou os estudos de Parry e Phan, Perchtold-Stefan *et. al.*, Souza *et. at.* e Greiwe & Khoshnood.

No que diz respeito a terceira categoria: os impactos sociais e culturais no imaginário coletivo. A revisão revelou que a espetacularização midiática se alia às ideologias de controle social ao resgatar antigas teorias de rotulação dos indivíduos que impunham uma preposição à maldade irremediável, utilizando diagnóstico como selo de exclusão à sociedade. Essa rotulagem servia para legitimar o encarceramento em massa e os castigos severos, o que desvia atenção para problemas estruturais de uma sociedade desigual.

As contribuições desta revisão concentram-se na estruturação do problema que relaciona a psicopatia, a mídia e a romantização, reunindo análises da neurociência, da psicologia, comunicação e estudos socioculturais. Ao organizar tais evidências, o estudo possibilita uma reflexão ampla das representações midiáticas do psicopata, favorecendo o

questionamento acerca de produções estereotipadas e sensacionalistas. Ademais, a revisão enfatizou a necessidade de maior cautela ao interpretar conteúdos midiáticos que frequentemente simplificam definições técnicas da psicopatia envolvendo principalmente o comportamento antissocial e criminalidade.

Por outro lado, a revisão deparou-se com obstáculos metodológicos ligados ao cenário científico brasileiro, como a ausência de pesquisas experimentais do aspecto neurológico, restringindo os achados para à realidade sociocultural. Além da limitação de artigos originais que correlacionam as variáveis “mídia”, “psicopatia” e “romantização” em periódicos catalogados, uma vez que o debate se concentra em dissertações, revisões teóricas e teses.

Antes do desenvolvimento desta revisão, a compreensão acerca das concepções sobre a psicopatia, criminalidade e mídia foram reformuladas ao longo da pesquisa. Havia a crença de que a constante exposição de psicopatas e criminosos nos conteúdos de *true crime* intensificam o fenômeno da romantização e, também, que a maioria dos autores de crimes hediondos apresentaria a psicopatia. Além disso, compreendia-se a psicopatia de modo tenebroso e com características que impossibilitam os indivíduos de viverem em sociedade.

Desse modo, acreditava-se que as produções midiáticas não exerciam tanta influência nas percepções sociais que simplificam as investigações criminais e empregavam o termo “psicopata” de maneira imprecisa em certos contextos do cotidiano. Ademais, supõe-se um volume maior de estudo sobre a influência da mídia na construção da romantização da psicopatia. Assim, evidenciou a complexidade da relação entre mídia, psicopatia e romantização e escassez de investigações aprofundadas na literatura científica.

Diante da desconstrução de concepções compartilhadas, as autoras já consumiam conteúdos do gênero *true crime*, tanto em redes sociais quanto em produções audiovisuais, buscando interesses na área criminal, portanto era evidente o sensacionalismo diante a esses conteúdos. Nesse percurso, a escolha do tema desta revisão possibilitou deslocar o olhar de uma posição de consumo para uma análise crítica das representações narrativas sobre a psicopatia que atravessam múltiplos fatores, sendo, social, biológico e criminal.

Além disso, o interesse compartilhado pelo musical *Chicago* contribuiu para maior reflexão sobre a relação da mídia, espetáculo e julgamento moral, ao inspirar na cobertura jornalística de Maurine Dallas Watkins, sobre crimes femininos na década de 1920. A produção ilustra os assassinatos que ocorreram na cidade de Chicago, principalmente no caso de Beulah Annan e Belva Gaertner que originaram as personagens principais, evidenciando como a

aparência física e apelo emocional e midiático influenciam na percepção do público ao representar o fascínio e a romantização da criminalidade.

Nesse mesmo cenário, insere-se a história de Tillie Klimek, conhecida por envenenar maridos e pessoas próximas com arsênio, além de ganhar notoriedade em sua vizinhança por prever as mortes de algumas vítimas. Embora Tillie não tenha sido a inspiração direta para Chicago, chegou a demonstrar a desigualdade dos julgamentos sociais e jurídicos da época, pois as mulheres belas e atraentes eram absorvidas, enquanto aquelas parecidas com Tillie tinham o estereótipo de aparência condenada, por não serem consideradas bonitas. Dessa forma, tanto o musical quanto o caso de Tillie contribuem para compreender como a mídia e narrativas sociais atravessam por anos as percepções sobre a romantização da criminalidade.

A escolha em focar na psicopatia também foi atravessada pelo contexto midiático após o lançamento da série Tremembé, que intensificou o fenômeno da romantização das pessoas retratadas e discussões públicas sobre a criminalidade e psicopatia. Observou-se, naquele período, ampla circulação de vídeos nas redes sociais que exaltavam determinados criminosos, em especial, Elize Matsunaga, frequentemente associadas com publicações de admiração, contendo conteúdos sobre se apaixonar por criminosos. Tal observação, contribuiu para o direcionamento deste estudo ao investigar como o ambiente midiático pode favorecer a romantização da violência e os indivíduos e as interpretações simplificadas sobre o assunto na mídia.

Para próximos estudos, recomenda-se o aprofundamento na investigação da área neurocientífica sobre a psicopatia no contexto brasileiro, por meio de pesquisas que analisam o funcionamento das estruturas cerebrais relacionadas ao processamento emocional. A ampliação desse conhecimento poderá contribuir para uma compreensão mais precisa de bases neurobiológicas associadas aos traços psicopáticos que possam auxiliar no campo jurídico e das ciências criminais. Além do auxílio na elaboração de avaliação periciais mais fundamentadas cientificamente, evitando patologização indevida de comportamentos criminosos ao associar automaticamente à psicopatia, o que evidencia aspectos relevantes para responsabilidade penal e formulação de intervenções adequadas.

Além disso, mapear a influência dos algoritmos de redes sociais no processo de romantização de psicopatas, investigando as formas que os mecanismos de recomendação ampliam a circulação de conteúdos romantizados. Por fim, aponta-se a relevância de desenvolvimento de estratégias de conscientização crítica de conteúdos midiáticos, capazes de promover compreensão mais qualificada sobre a psicopatia e criminalidade, impedindo que a

população geral seja influenciada negativamente com propagação de informações distorcidas e idealizadoras sobre psicopatia.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2022). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (5ª ed., texto rev.) (Artmed, Trad.).
- Antoniadou, N., Kokkinos, C. M., & Markos, A. (2016). Development, construct validation and measurement invariance of the Greek cyber-bullying/victimization experiences questionnaire (CBVEQ-G). *Computers in Human Behavior*, 65, 380–390.
- Arfeli, M. A., & Gradella Jr., R. C. (2021). Psicopatia como ideologia: Um instrumento de manutenção da sociedade capitalista. *Revista da Faculdade de Direito da USP*, 116, 301–325.
- Arfeli, M. A., & Martin, M. (2023). A psicopatia e o criminoso nato: A modernização do positivismo criminológico. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 194, 115–140.
- Ashton, M. C., & Lee, K. (2007). Empirical, theoretical, and practical advantages of the HEXACO model of personality structure. *Personality and Social Psychology Review*, 11(2), 150–166.
- Athar, M. (2025). Exploring the multidimensional nature of the psychopathy construct in social media context: Insights from Instagram. *Computers in Human Behavior Reports*, 11, 100305.
- Barroso, S. F. (2006). O uso da imagem pela mídia e sua repercussão na subjetividade contemporânea. *Psicologia em Revista*, 12(19), 195–210.
- Brum, B. D. I. (2023). Crime em quadro: A estética true crime e sua chegada ao Brasil com O Caso Evandro (2018). *Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar*, 16(1), 207–227.
- Campos, C., Rocha, N. B., & Barbosa, F. (2023). Dissociating cognitive and affective empathy across psychopathy dimensions: The role of interoception and alexithymia. *Frontiers in Psychology*, 14, 1082965.
- Costa, E. de Q., Souza, L. C. da M. e, & Santos, C. A. V. dos. (2023). A romantização da figura do criminoso em crimes violentos: Uma violação do direito das vítimas. *Revista Jurídica do CESUPA (Edição Especial março/2023)*, 123–147.
- Ferrell, J., Hayward, K., & Young, J. (2008). *Cultural criminology: An invitation*. Sage Publications.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (R. Ramallete, Trad., 42ª ed.). Vozes. (Obra original publicada em 1975).
- Gerbner, G., Gross, L., Morgan, M., Signorielli, N., & Shanahan, J. (2002). Growing up with television: Cultivation processes. In J. Bryant & D. Zillmann (Eds.), *Media effects: Advances in theory and research* (2nd ed., pp. 43–68). Erlbaum

- Gómez-Leal, R., Fernández-Berrocal, P., Gutiérrez-Cobo, M. J., Cabello, R., & Megías-Robles, A. (2024). The Dark Tetrad: Analysis of profiles and relationship with the Big Five personality factors. *Scientific Reports*, 14(1), 5431.
- Greiwe, S., & Khoshnood, N. (2023). Do we mistake fiction for fact? Investigating whether the consumption of fiction crime-related media may help to explain the criminal profiling illusion. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 20(1), 88–102.
- Hajcak, G., MacNamara, A., & Olvet, D. M. (2010). Event-related potentials, emotion, and emotion regulation: An integrative review. *Developmental Neuropsychology*, 35(2), 129–155.
- Hare, R. D. (2013). *Sem consciência: O mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós* (D. Batista, Trad.). Artmed. (Obra original publicada em 1993).
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a clinical and empirical construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217–246.
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the Short Dark Triad (SD3): A brief measure of dark personality traits. *Assessment*, 21(1), 28–41.
- Khosbayar, A., Brown, M., & Scrivner, C. (2024). Behavioral attraction predicts morbidly curious women's mating interest in men with dark personalities. *Personality and Individual Differences*, 228, 112738.
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(1), 151–158.
- Liebers, N. (2021). *Romantische parasoziale Interaktionen und Beziehungen mit Mediencharakteren: Ein theoretischer und empirischer Beitrag* [Romantic parasocial interactions and relationships with media characters: A theoretical and empirical contribution]. Nomos.
- Lima-Costa, A. R., Jesuíno, A. D. S. A., Chiappetta-Santana, L. H. B., Guimarães, L. D. A., Otoni, F., & Bonfá-Araujo, B. (2025). Cluster analysis of primary and secondary psychopathy in the general population. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 41, e41506.
- Lino, T. R., Dantas, A. S., Silva, L. G., & Lobato, A. L. (2019). Psicopatia e crime: São todos homicidas psicopatas? *Revista de Psicologia da UNESP*, 18(1), 120–135.
- Lockwood, C., Munn, Z., & Porritt, K. (2015). Qualitative research synthesis: Methodological guidance for systematic reviewers utilizing meta-aggregation. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 13(3), 179–187.

- Morana, H. (2004). Escala Hare PCL-R: Critérios para pontuação da psicopatia revisados: Versão brasileira. Casa do Psicólogo.
- Moreira, J. de O. (2010). Mídia e psicologia: Considerações sobre a influência da internet na subjetividade. *Psicologia para América Latina*, (20).
- Moreira, K. B., Anzolin, T. de S., & Tozatto, A. (2022). Psicopatia, desmistificando estigmas. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(11), 579–595.
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., et al. (2021). O comunicado do PRISMA 2020: Uma diretriz atualizada para relatórios de revisões sistemáticas. *BMJ*, 372, n71.
- Page, M. J., Moher, D., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... McKenzie, J. E. (2021). PRISMA 2020 explanation and elaboration: Updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372, n160.
- Parry, S., & Phan, J. (2025). The impact of media narratives on public perception of psychopathy: An analysis of accuracy and misrepresentation. *Journal of Media Psychology*, 33(4), 210–222.
- Perchtold-Stefan, C. M., Pilch, I., & Hofer, G. (2023). Out of the dark: Psychological perspectives on people's fascination with true crime. *Journal of Forensic Sciences*, 68(2), 450–465.
- Pimentel, D. (2010). Psicopatia da vida cotidiana. *Estudos de Psicanálise*, (33), 101–110.
- Raine, A., Brodrick, L., Pardini, D., Jennings, J. R., & Waller, R. (2024). Increased cardiac vagal tone in childhood-only, adolescent-only, and persistently antisocial teenagers: The mediating role of low heart rate. *Psychological Medicine*, 54(10), 2426–2434.
- Ruchensky, J. R., Donnellan, M. B., Edens, J. F., Blonigen, D. M., & Sörman, K. (2020). Triarchic psychopathy and affective picture processing: An event-related potential study. *Biological Psychology*, 154, 107914.
- Schmid, D. (2005). *Natural born celebrities: Serial killers in American culture*. University of Chicago Press.
- Schramm, H., & Sartorius, S. (2024). The attraction of evil: Women's romantic parasocial relationships with bad guys in series and movies. *Frontiers in Psychology*, 15, Article 1501809.
- Scrivner, C. (2021). The psychology of morbid curiosity: Development and initial validation of the Morbid Curiosity Scale. *Personality and Individual Differences*, 183, 111139.

- Silva, L. B., Sampaio, G. M., Cunha, R. S. C., Brandão, R. C., & Araújo, M. C. J. (2022). Um psicopata entre nós: Revisão de literatura. *Research, Society and Development*, 11(15), e174111536577.
- Slater, M. D., Ewoldsen, D. R., & Woods, K. W. (2018). Extending conceptualization and measurement of narrative engagement after-the-fact: Parasocial relationship and retrospective imaginative involvement. *Media Psychology*, 21(3), 329–351.
- Smoker, M., & March, E. (2017). Predicting perpetration of intimate partner cyberstalking: Gender and the dark tetrad. *Computers in Human Behavior*, 72, 390–396.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Integrative review: What is it? How to do it? *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102–106.
- Tukachinsky, R. (2010). Para-romantic love and para-friendships: Development and assessment of a multiple-parasocial relationships scale. *American Journal of Media Psychology*, 3, 73–94.
- Ursi, E. S., & Galvão, C. M. (2006). Prevenção de lesões de pele no perioperatório: Revisão integrativa da literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(1), 124–131.
- van Baardewijk, Y., Andershed, H., Stegge, H., Nilsson, K. W., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2010). Development and tests of short versions of the Youth Psychopathic Traits Inventory and the Youth Psychopathic Traits Inventory–Child Version. *European Journal of Psychological Assessment*, 26(2), 122–128.
- Viding, E., & McCrory, E. (2023). Towards understanding atypical social affiliation in psychopathy. *The Lancet Psychiatry*. Advance online publication.
- Zambenedetti, G. (2012). A mídia e o processo de pulverização da figura do sujeito cerebral. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 12(3–4), 1021–1044.